



SALAMBÔ

UM ROMANCE NA DECADENTE CARTAGO

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Mestra em Letras (Literatura Portuguesa) e
professora do Curso de Letras na UFMS/Dourados

O romance *Salambô* (1862), de Gustave Flaubert, foi inspirado num episódio quase desconhecido da história de Cartago – uma rebelião de mercenários contra as autoridades cartaginesas. Reconstruindo de maneira minuciosa a narrativa histórica e a ela agregando a estranha atração entre Salambô, filha de Amílcar Barca, e Matô, o líder mercenário, Flaubert criou um romance no qual o fato histórico serviu como “pano de fundo” para o desenrolar do mistério da condição humana, sem deixar, no entanto, de atribuir papel fundamental à dramaticidade e ao estilo literário na construção de um tipo bastante presente na literatura finissecular – a *femme fatale*/mulher fatal.

Palavras-chave: ficção; História; mulher.

*Gustave Flaubert's novel, **Salambo** (1862), was inspired in an episode nearly unknown of Cartago's history - a mercenary's rebellion against the people from Cartago. Flaubert, carefully, reconstructed the historical narrative and besides that the author aggregated in this narrative the strange attraction between Salambo, Amilcar Barca's daughter, and Mato, the mercenary's leader. Beyond this Flaubert constructed a novel which the historical event was used as background to the human condition's mystery, attributing the fundamental role of the drama and the literary style in which is implied the literary "cliché" - the femme fatale.*

Keywords: fiction; History; woman.

Para escrever *Salambô* (1862), Gustave Flaubert inspirou-se num episódio quase desconhecido da história de Cartago – a rebelião do exército mercenário cartaginês contra as autoridades da poderosa cidade do norte da África, talvez até porque essa rebelião significou o início de uma curva descendente e que levaria Cartago ao desastre total –, dedicando-se à reconstrução minuciosa e fiel da narrativa histórica. Concomitantemente ao desenrolar dos fatos que envolveram mercenários e cartagineses, acompanhamos a narrativa da estranha atração entre Salambô, filha do general Amílcar Barca, e Matô, o líder dos revoltosos, e o objeto que os (des)uniu: o sagrado véu de Tanit. Ao partir de um acontecimento histórico situado séculos antes do XIX para escrever seu romance, Flaubert talvez pretendesse produzir uma obra descompromissada com a realidade de sua época e de caráter puramente estético. Para melhor investigar e elaborar o material que comporia *Salambô*, chegou a visitar o Marrocos, mais especificamente a região onde floresceu o poderio cartaginês.

Antes de explorarmos as relações de interdependência entre os elementos que compõem os níveis narrativos, cremos ser relevante que se conheça algo sobre Cartago e a revolta dos mercenários.

Provavelmente fundada no século IX a.C. por fenícios vindos da região de Tiro, Cartago ocupava posição estratégica no continente africano – a costa norte – atualmente a região circunvizinha à cidade de Túnis. Os cartagineses assumiram a supremacia entre as cidades do norte da África, fundando inúmeras

ras colônias na região e submetendo a população nativa, especialmente aquela que se dedicava à agricultura, pois seria fornecedora de alimentos para Cartago. Como forma de governo, adotaram modelo semelhante ao grego: seus magistrados (na forma latinizada, também podemos adotar o vocábulo *sufete* para designá-los) exerciam as funções executivas mais elevadas e, em tempos de guerra, assumiam o comando supremo da nação. Estado preponderantemente comercial, Cartago valia-se de um exército bem armado, formado exclusivamente por mercenários, para defender-se de seus inimigos. Sua religião era de origem oriental e Baal era um de seus principais deuses; apesar da influência grega sobre sua religiosidade, seus ritos ainda incluíam sacrifícios humanos.

Durante algum tempo, Roma e Cartago mantiveram acordos de não-interferência em suas respectivas zonas de influência política e econômica. Mas com as Guerras Púnicas, esses acordos foram quebrados e Cartago conhece o princípio de seu ocaso. Após o término da Primeira Guerra Púnica, vencida pelos romanos, uma revolta dos mercenários do exército cartaginês impôs novo enfraquecimento a Cartago que, no mesmo período, perdeu a Sardenha e a Córsega para Roma. Cartago resistiu aos romanos por mais ou menos cem anos, para finalmente, em 146 a.C., ser capturada por seus inimigos, que acabaram tomando seus territórios e neutralizando o domínio cartaginês no mundo antigo.

Apesar de ser um episódio pouco conhecido acerca da História de Cartago, a guerra entre cartagineses e seus mercenários não foi curta nem de pouca importância. Segundo Políbios:

Nessa guerra [os cartagineses] enfrentaram muitos e grandes perigos, e finalmente se viam diante do risco de perder não somente o seu território mas também sua própria liberdade e o solo pátrio (1985, p. 94).

Os cartagineses, derrotados pelos romanos e contabilizando os prejuízos advindos com a guerra, foram protelando o acerto de contas com seus mercenários. Insatisfeitos com a situação, os mercenários rebelaram-se e, organizados em tropas, acamparam à margem de Cartago, exigindo seus direitos e ameaçando os governantes e a população local. Um dos obstáculos para que a paz voltasse a Cartago era a indisposição dos revoltosos em relação ao comandante Amílcar Barca, segundo eles, o culpado pela derrota cartaginesa frente aos romanos e um líder inacessível e inclemente aos seus

reclamos. Aceitaram, sim, negociar com Gescon, ex-comandante na Sicília e um hábil parlamentar.

Matô e Spendius foram aclamados líderes mercenários após caluniarem e subverterem as promessas de Gescon. Cada um deles tinha seu motivo: Matô, de nacionalidade líbia, fora, desde o início da revolta, um dos mais exaltados na condução dos distúrbios; por isso temia ser escolhido para sofrer castigos pelas faltas de todos os companheiros. Quanto a Spendius, era escravo grego foragido de seu senhor romano; pelas leis romanas, caso retornasse a seu patrão, seria punido e morto por sua fuga.

Os revoltosos conseguiram a adesão das cidades líbias para sua causa, pois Cartago as governava com excessiva severidade, cobrando-lhes altos impostos, confiscando suas colheitas e beneficiando apenas os cidadãos líbios que a servissem fielmente. Os ânimos, por demais exaltados, acirraram-se e após várias batalhas, Cartago saiu vitoriosa da contenda. A Líbia retornou ao controle cartaginês e os mentores da insurreição foram exemplarmente punidos, especialmente Matô, conduzido pelos vitoriosos através das ruas da cidade e sofrendo publicamente as mais horríveis torturas.

Políbios explica assim a revolta e animosidade dos mercenários:

A origem e a causa mais forte de tal condição está nos maus costumes e na educação errada desde a infância, mas há várias causas concomitantes, das quais as principais são a violência e a ambição dos detentores do poder (1985, p. 103).

Quanto ao romance, há, em *Salambô*, dois níveis narrativos essenciais:

1. Cartago (princípio feminino) x mercenários (princípio masculino);
2. Salambô (princípio feminino) x Matô (princípio masculino).

A luta entre os princípios feminino e masculino marcará toda a trajetória narrativa e os elementos estruturais estarão agrupados em torno deles: a fecundidade, a ordem, a estabilidade, a lua, a chuva/água, Tanit são princípios femininos; a força, a aventura, o dinamismo, o fogo/sacrifício, Moloc são princípios masculinos. Salambô identifica-se com Tanit, personificada pela Lua a quem, constantemente, a jovem presta suas homenagens.

Levantando a cabeça para o céu e juntando às palavras fragmentos de hinos, murmurou uma longa exaltação aos divinos poderes da Lua. Quando terminou, o crescente lunar pairava sobre a montanha, do outro lado do golfo. E Salambô prosseguiu:

– És branca, doce, luminosa, imaculada, purificadora, serena! Mas tu és a terrível dominadora!... Por tua influência geram-se os monstros, os fantasmas tétricos, os sonhos ilusórios! Para onde vais? Por que varies as tuas formas perpetuamente? Ora fina e curva, deslizas pelos espaços como uma galera sem mastros, ora redonda e brilhante, roças o alto dos montes como a roda de um carro. Ó Tanit! Amas-me, não é verdade? Andas no azul do céu e eu permaneço na terra imóvel! (FLAUBERT, 1973, p. 23-24).

Matô é identificado, por Salambô, com Moloc, o cruel deus cananeu/babilônio que exigia sacrifícios humanos para o apaziguamento de sua fúria:

E [Salambô] acrescentou:

– Vi-te uma noite, no clarão dos meus jardins em chamas, entre as taças quebradas e os meus escravos degolados. Tua cólera era tão violenta que saltaste sobre mim e eu tive de fugir! Depois o terror invadiu Cartago. As cidades foram devastadas, os campos incendiados e apregoou-se que tudo fora obra tua! Odeio-te! És mais execrável que a peste ou a guerra romana! Ao vir para cá, vi as províncias destruídas pelo teu furor, os valados cheios de cadáveres! Guiou-me o rasto das tuas fogueiras e segui como se caminhasse através de Moloc (id., p. 82).

Salambô é a *femme fatale* da obra de Flaubert, a antecessora das Salomés finisseculares da estética decadentista. Seu pai, o poderoso Amílcar Barca, a reservara virgem e inacessível na expectativa de uma possível aliança política que lhe fosse favorável. Por isso a jovem vivia enclausurada no palácio paterno, a jejuar, a dedicar oferendas e preces a Tanit, não tomando conhecimento do cotidiano da decadente Cartago. A relação estabelecida entre a cidade e os mercenários é sintomática na medida em que os revoltosos a enxergam como uma mulher simultaneamente atraente e repulsiva/decaída, à imagem de Salambô:

O espetáculo de Cartago exasperava os bárbaros. Admiravam-na e odiavam-na; desejariam, ao mesmo tempo, aniquilá-la e possui-la (id., p. 27).

É como se a entediada Cartago precisasse dessa “cópula” para reavivar o princípio masculino (aqui relacionado ao dinamismo e à vitalidade), adormecido sob a indolência e a efeminação de seus cidadãos, habituados, por sua situação privilegiada, a não produzir (= natividade), apenas a intermediar as relações comerciais (= esterilidade). Que o exército cartaginês seja constituído exclusivamente por mercenários/estrangeiros é um indício da necessidade do retorno ao princípio ativo/masculino. Tanto Cartago quanto Tanit ou Salambô estavam estéreis, um sintoma da degenerescência. Para renovar a vida e tornar aos primórdios fecundos, seria preciso a fecundação.

Havia em Salambô o desejo obsessivo de conhecer o segredo das origens, oculto sob o véu sagrado de Tanit. Esse desejo não nos parece oriundo de uma possível fome pelo poder ou prestígio, mas um ato gratuito que satisfaria sua própria lascívia, proporcionando-lhe um prazer que a posse de qualquer outro bem material ou simbólico não conseguiria e, quem sabe, lhe restituiria a vitalidade/o erotismo encoberto pela esterilidade e apatia. O roubo do véu por Matô e Spendius é a chance outorgada a Salambô de (re)viver: quando Schahabarim, o grão-sacerdote dos mistérios divinos, propõe-lhe (ardilosamente, pois assim salvaria Cartago e sua própria crença nos poderes de Tanit) resgatar o véu sagrado, a jovem sentiu-se extasiada, “*percorrida de arrepios, como uma vítima ao pé do altar quando espera o golpe supremo*” (id., p. 75). Persuadida,

Salambô sentia-se livre. Só pensava na felicidade de tornar a ver o zainfe, e agora abençoava Schahabarim pelos seus conselhos (id., p. 77).

Salambô carrega consigo a marca da diferença, da desagregação e da esterilidade. Ela é a medusa que se defende seduzindo, atemorizando/afastando e petrificando os homens com seu olhar ancestral/ctônico de mulher devoradora, porém, passiva. Ela encantará e destruirá Matô com a potência de um foco de luz do qual emanam projeções fantásticas como as que seduzem as mariposas: sua sexualidade (ainda que adormecida), seu suposto poder transformam-na numa ameaça para quem a olha e provoca a inversão dos papéis tradicionais – o sedutor não é mais o homem; ele é o seduzido. Submetido, Matô aceita sua derrota:

– Podes levar o zainfe – murmurou [Matô] docemente –, já não tenho nenhum empenho nele! Mas leva-me com ele! Estou disposto a abandonar o exército, a renunciar a tudo! [...]

Matô falava e soltava risos de alegria. Parecia que a guerra houvesse terminado, esquecia-se dos mercenários, de Amílcar, como se todos os obstáculos houvessem sido banidos! (id., p. 84).

Apenas a androginia serve como escudo contra o poder da *femme fatale* cartaginesa. O fenômeno andrógino é uma espécie de anulação da sexualidade, uma tendência marcadamente contemplativa e meditativa que pontua a postura dos ascetas. Schahabarim mantém-se firme e vitorioso diante do olhar e da primeira manifestação de Salambô em ver o véu sagrado:

– Quero vê-la! Há de me conduzir lá! Devora-me a curiosidade de conhecê-la! Partamos já! Suplico-te!

– Jamais! – retrucou o sacerdote, com um gesto veemente. – Não sabes que se morre disso? [...]

De pé, Schahabarim era mais insensível que as pedras do terraço. Mirava-a, trêmula a seus pés, e sentia uma espécie de prazer vendo-a sofrer pela divindade que nem ele mesmo podia conhecer completamente (id., p. 26).

Qual o segredo do véu de Tanit? Examinemos a interdição representada por ele. O véu simboliza o mistério, o encobrimento/a dissimulação e, ao mesmo tempo, aquilo que preserva o desejo distante das ambições fúteis da carne. Pode ser a linha divisória entre o instintivo e o racional, o espírito e a matéria; o véu é o limite entre os princípios masculino e feminino: roubando/levando o véu/zainfe, Matô transpôs esse limite e facultou a Salambô a mesma alternativa. Esse encontro, Matô e Salambô, poderia significar, n'outro contexto, a pacificação dos princípios masculino e feminino, reduzidos à igualdade que lhes possibilitaria alcançar um estado de plenitude/completude. No entanto, como referimos anteriormente, Cartago está repleta de feminino, numa abundância que acaba gerando a decadência. É preciso suplantar o princípio feminino; o princípio masculino deve triunfar. O sacrifício de vítimas aparentemente inocentes faz-se necessário:

1. Salambô é entregue/sacrificada a Matô ao resgatar o véu;

2. Matô e as crianças da cidade são sacrificadas a Moloc (o sacrifício das crianças é seguido de uma tempestade, simbolicamente, o sêmen que cai para fecundar a terra estéril de Cartago).

Após presenciar a morte de Matô, fustigado pela fúria dos habitantes nas ruas de Cartago, e à beira de contrair bodas com Narr'Havas, que ajudara Amílcar a vencer os mercenários, Salambô desfalece e morre:

“Assim morreu a filha de Amílcar, por ter tocado o véu de Tanit” (id., p. 127), isto é, por ter conhecido o desejo (erótico), por aventurar-se além dos limites que a cidade/a religião/a sociedade lhe impôs.

Ainda referindo-nos ao véu sagrado e ampliando seu significado para além da narrativa literária de *Salambô*, quer nos parecer que Flaubert, assim como alguns dentre seus contemporâneos e seus sucessores decadentistas e simbolistas, também usou o véu como o símbolo de sua própria produção. Senão, vejamos: a literatura finissecular se queria plástica, sinestésica, ao mesmo

tempo que nos fala, ainda que de modo dissimulado, de desejos carnais, sensuais, proibidos. O véu é o próprio símbolo: há algo a encobrir o real, a fantasia a esconder a nudez e a dureza da realidade. Uma fantasia sádica, recheada de imagens putrefatas e funestas. As descrições do campo de batalhas depois dos combates entre cartagineses e mercenários são verdadeiros banquetes para os abutres literários:

Num daqueles montões [de mortos], que alteavam irregularmente a planície, algo mais vago que um espectro se ergueu. Um dos leões pôs-se então a andar, recortando com sua monstruosa forma uma sombra negra no fundo do céu de púrpura; ao chegar bem perto do homem, derrubou-o com uma só patada. Depois, estirado de bruços em cima dele, com a ponta das presas, lentamente, lhe estraçalhou as entranhas. A seguir, escancarou a goela, e durante alguns minutos soltou um rugido longo, repetido pelos ecos da montanha, e que se perdeu, enfim, na solidão (id., p. 116).

Aliás a solidão que acompanha os artistas, seres visionários que, por tentar humanizar os seres, cada vez mais se afastam deles e encastelam-se num altar, longe da dura realidade.

À guisa de conclusão, percebemos que o fato histórico, ou seja, a revolta dos mercenários de Cartago, serviu como “pano de fundo” para o desenrolar do mistério da própria condição humana, o que evidencia, a nosso ver, o papel fundamental da obra literária na transmissão do mito da *femme fatale* – aqui encarnada por Salambô – para as estéticas artísticas futuras, quer por sua riqueza estética e dramática, quer pelo estilo literário.

Referências Bibliográficas

- ESCOLÁSTICA, Maria. *O gozo feminino*. São Paulo : Iluminuras, 1995.
- FLAUBERT, Gustave. *Salambô*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro : Tecnoprint, 1973.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *O poético : magia e iluminação*. São Paulo : Perspectiva, 1989.
- PAGLIA, Camille. *Personas sexuais*. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- POLÍBIOS. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília : Ed. UnB, 1985.
- PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad. Philadelpho Menezes. São Paulo : Ed. Unicamp, 1996.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. São Paulo : Círculo do Livro, s.d.